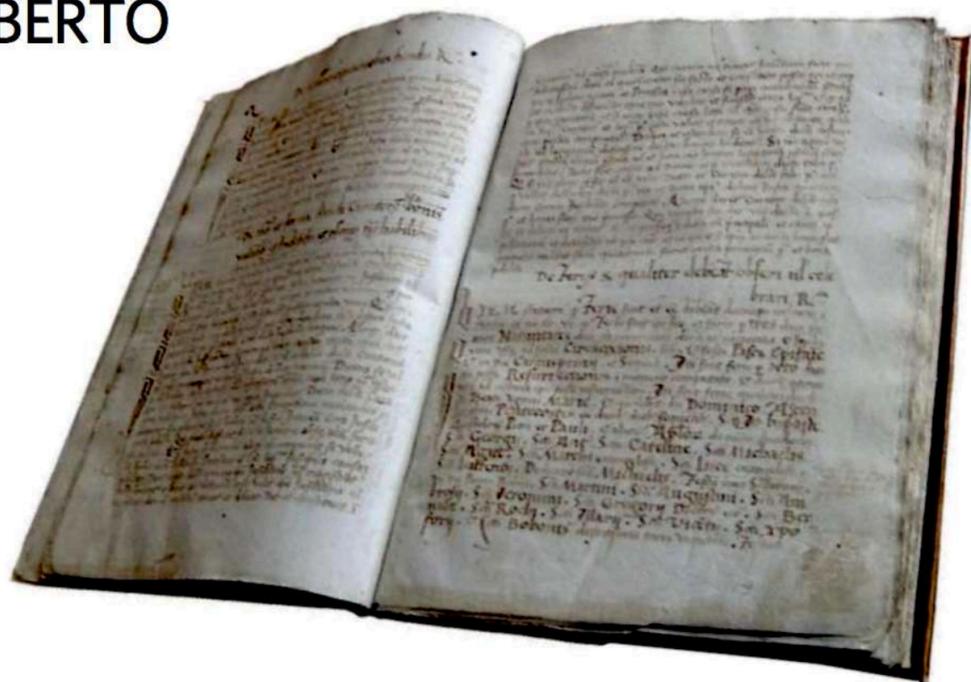


As antigas hagiografias de São Roque de Montpellier

UMA QUESTÃO EM ABERTO



As pesquisas históricas sobre a vida de São Roque continuam a oferecer-nos algumas surpresas.

Na última década, a descoberta de alguns documentos relevantes do século xv veio questionar as velhas teorias e abriu caminho a novas hipóteses.

Texto de Paolo Ascagni

[DIRETOR DO CENTRO STUDI ROCCHIANO _COMITATO INTERNAZIONALE DA ASSOCIAÇÃO ITALIANA SÃO ROQUE DE MONTPELLIER]

“Poucos santos foram tão famosos como São Roque no Ocidente entre 1300 e 1600, período em que o seu culto se difundiu por todos

os países europeus, tendo abrangido todas as camadas sociais. E, no entanto, sabe-se bem pouco desta misteriosa personagem, cuja realidade histórica chegou a ser posta em causa, devido à escassez de dados objetivos nas suas biografias”¹.

Esta frase significativa de André Vauchez, um dos mais ilustres estudiosos da Idade Média, continua a ser a introdução mais pertinente para qualquer obra dedicada à figura de São Roque de Montpellier, personagem tão fascinante nas suas numerosas expressões religiosas, culturais, artísticas e sociais, como inacessível, ou quase, na sua efetiva consistência histórico-biográfica.

Com efeito, são poucos os dados rigorosos à nossa disposição, fugazes os elementos sólidos e fundamentados sobre os quais reconstruir uma biografia conforme as regras, demasiado distantes no tempo os acontecimentos que, de qualquer modo, determinaram a explosão em todo o mundo de um culto de entre os mais difusos em absoluto na milenária história do povo cristão.

É um facto que, quando se fala da história dos santos em geral, não devemos cometer o erro de considerar as antigas *Vitae* a eles dedicadas como se de biografias se tratasse, no sentido moderno do termo. “Há que sublinhar logo” – explica-nos Hippolyte Delehaye – “a distinção entre a hagiografia e a história. A obra do hagiógrafo pode ser histórica, mas não necessariamente [...]. Não devemos esquecer de ter em conta uma outra circunstância que nos faz entender melhor a condição do hagiógrafo na Idade Média. Ele conhece dois tipos de livros: aqueles em que se é obrigado a acreditar – a Sagrada Escritura em todas as suas partes – e os restantes, aos quais é permitido não prestar fé. Ele está plenamente consciente de que os seus escritos pertencem à segunda categoria e que o público está bem ciente disso. Os primeiros ditam a verdade absoluta; os restantes, por vezes afastam-se dela, e esta persuasão facilita-lhes naturalmente a tarefa relativamente à verdade his-

tórica”². Assim se explica porque é que, esclarece Jean Segondy, “a hagiografia medieval pouco se preocupava com uma cronologia rigorosa e com outras questões que hoje nos interessam”³.

Não ter isso em conta significa excluir a possibilidade de compreender de modo adequado o valor, as intenções, os limites e os méritos das hagiografias medievais – dito de outro modo, o que podem ou não podem dizer ao homem moderno, quer se trate de um estudioso ou de um simples leitor. Obras deste tipo não representam necessariamente o melhor meio para fundamentar rigorosamente a biografia de um santo e a criação do seu culto. De facto, as hagiografias não se inspiram em motivações essencialmente históricas, mas sim religiosas, ou melhor, de edificação moral.

É por isso que os escritores da época não tinham problemas em recheiar os seus livros com tradições nitidamente lendárias, mesmo com invenções próprias e ainda com uma série de lugares-comuns retirados da Bíblia ou de outras “vidas de santos”. Tudo isto pode parecer-nos absurdo, mas o facto é que a intenção do hagiógrafo – repete-se – era a de apresentar ao leitor um modelo de vida cristã ao qual o protagonista, ou seja, o santo, se tinha conformado durante a sua vida terrena. Consequentemente, as antigas hagiografias são só um dos instrumentos à disposição do historiador, o qual, para elaborar uma biografia verídica, deve basear-se principalmente em outros documentos e testemunhos, de tipo litúrgico, civil, artístico.

AS MAIS ANTIGAS VITAE DE SÃO ROQUE

Dito isto, podemos concentrar-nos no que realmente importa, ou seja, perscrutar as mais antigas fontes textuais à nossa disposição para tentar rasgar o véu de obscuridade que ainda envolve a vida e a lenda de São Roque.

AS MAIS ANTIGAS HAGIOGRAFIAS ROQUIANAS

Como se pode notar, os textos disponíveis foram compostos entre o final do século xv e início do

◀ **OS STATUTI civili e criminali de Voghera** (Itália)
Neste registo, ainda conservado no Arquivo Histórico, encontra-se a mais antiga documentação de uma festa de São Roque. A data final é 25 de fevereiro de 1391, mas a página poderia remontar a 1382, ou seja, poucos anos depois da morte do santo, ocorrida provavelmente na mesma Voghera

século XVI, isto é, pelo menos um século depois da morte de São Roque (1376/79). Começamos pelas obras fundamentais, ou seja, pelas fontes realmente originais, sob variados títulos, reproduzidas pelos copistas sobre o nosso santo, e que desde há séculos transmitem a sua memória de geração em geração.

• **A *Vita Sancti Rochi* de Francesco Diedo (1479)**
Escrita em latim e traduzida para italiano, é a obra do jurista e humanista veneziano Francesco Diedo (1433-1484), governador de Brescia. A primeira edição latina conhecida foi publicada em Milão, pelo editor Simon Magniacus, e a data de composição está indicada de forma explícita como sendo o dia 1 de junho de 1479.

SAO ROQUE DE MONTPELLIER, PERSONAGEM TÃO FASCINANTE NAS SUAS NUMEROSAS EXPRESSÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS, ARTÍSTICAS E SOCIAIS, COMO INACESSÍVEL, OU QUASE, NA SUA EFETIVA CONSISTÊNCIA HISTÓRICO-BIOGRÁFICA”

Estão ainda disponíveis outras edições, cada uma com distintas particularidades; as latinas foram impressas em Veneza, em 1483-1484, por Bernardinus Benalius; em Nuremberga, em 1485, por Konrad Zeninger (a primeira depois da morte do autor); em Mainz, em 1494-1495, por Peter von Friedberg; em Paris, em 1495, quase seguramente por Jean Tréperel. A primeira versão italiana saiu também em Milão, em 1479, por obra do mesmo editor da obra latina contemporânea; uma segunda edição, datada de 1484, foi impressa ainda em Milão, mas por outro tipógrafo, Johannes Antonius de Honate.

É importante salientar que uma das mais importantes edições da *Vita* de Diedo foi elaborada pelo bolandista Ioannes Pinius, nome latinizado de Jean Pin ou Pien (1678-1749)⁴. No entanto, este jesuíta, apesar de dispor de incunábulo (isto é, antigos textos impressos), não lhes atribui grande importância, tendo, infelizmente, preferido usar coleções de manuscritos muito tardios. Um desses, na sequência das cuidadosas pesquisas efetuadas por Pierre Bolle, foi identificado num códice conservado na biblioteca da Abadia de St. Gallen, datável entre os anos de 1513 e 1526⁵.

• O Anónimo alemão (1482)

Trata-se de uma hagiografia escrita em língua alemã – *Hystorie von sant Rochus* – de que não se conhece o autor. Por esse motivo, os estudiosos convencionaram designá-la por o *Anónimo alemão*.

Os dois incunábulo mais antigos foram impressos em Viena, em 1482, e não apresentam diferenças de realce, a não ser algum elemento puramente ortográfico. São, portanto, obra do mesmo editor, provavelmente Stephan Koblinger.

Outro incunábulo, com título diferente e igualmente anónimo – *Das Leben des heiligen herrn sant Rochus* –, foi impresso em Nuremberga em 1484. A língua alemã apresenta, neste caso, diferenças mais evidentes; sendo provável que seja do editor Konrad Zeninger.

Para evitar confusões, devemos recordar que esta obra, quer para as edições vienenses quer para as de Nuremberga, é frequentemente indicada também como sendo um texto originariamente escrito em italiano e posteriormente traduzido para alemão – *Historica ex-italica lingua reddita Teutonice ad honorandum sancti Rochi*.

• Os *Acta breviora* (1483)

Estes intitulados *Acti brevis* são, de facto, um sucinto relato redigido em língua latina por um autor desconhecido; vários estudiosos designam-nos pelo nome de Anónimo latino. O texto mais notório é o publicado em 1737 nos *Acta Sanctorum* – juntamente com uma *Vita* de Diedo – pelo bolandista Jean Pinius, cuja discutível escolha originou inúmeros problemas aos historiadores. Com efeito, tais textos

baseiam-se em coleções manuscritas pouco rigorosas, as quais, no caso específico dos *Acta breviora*, remontam ao último quartel do século XVI, obtidas dos arquivos dos conventos de Herent (perto de Lovaina), Amiens e Paris, o primeiro dos Betlemitas, os outros dois dos Celestinos.

O facto é que os *Acta breviora* já se podiam encontrar em dois incunábulo da *Hystorie plurimorum sanctorum*, muito mais interessantes e, sobretudo, datados com precisão. O primeiro foi impresso em Colónia em 1483, por Ulrich Zell, o segundo, em Lovaina, em 1485, por Johannes de Westfalia. Bem anteriores, pois, aos manuscritos utilizados por Pinius (e também bem mais claros).

O *Hystorie* é um livro dedicado à vida de numerosos santos, sendo composto pelo texto original – isto é, a celeberrima *Leggenda aurea* de Jacopo de Varazze (1230-1298) – e por um suplemento para as atualizações. Este último originou o objeto da edição de Lovaina. Os *Acta breviora* constituem, pois, um extrato desta “enciclopédia” de santos; o nome foi criado pelos estudiosos, mas, nas coleções originais, a parte dedicada ao nosso santo intitula-se *De sancto Rocho confessoris*.

Vale a pena destacar uma tradução em holandês que remonta a uma data anterior a 1488, um incunábulo – *Legende ende dat leven des confessoers sint Rochus* – do qual se extraíram algumas cópias manuscritas, redigidas em diversos dialetos flamengos. Um exemplar poderá ser proveniente do convento de Santo Agostinho em St. Trond, um de Maastricht (cerca de 1500) e um de Meerssen (cerca de 1510).

• A *Vie et Legende de Monseigneur Saint Roch de Jehan Phelipot* (1494)

Esta hagiografia é um livro em língua francesa, redigido por Jehan Phelipot, frade dominicano de um convento em Paris. Os incunábulo disponíveis são três, com títulos parcialmente diferentes: os dois primeiros foram publicados em Paris em 1494, por Pierre le Caron e por Jean Herouf; o terceiro em Rouen em 1496, por Jacques le Forestier. As diferenças textuais são mínimas, à exceção dos apêndices litúrgicos.

• As hagiografias menores

Além dos textos principais atrás descritos, existem outras fontes textuais antigas, mas que, de acordo com o juízo unânime dos estudiosos, se revestem de uma importância deveras marginal. Os poucos elementos de relevo referem-se a alguns temas mais limitados e específicos.

A INTENÇÃO DO HAGIÓGRAFO ERA A DE APRESENTAR AO LEITOR UM MODELO DE VIDA CRISTÃ AO QUAL O PROTAGONISTA, OU SEJA, O SANTO, SE TINHA CONFORMADO DURANTE A SUA VIDA TERRENA”

• A *Vita del Glorioso Confessore San Rocco* de Paolo Fiorentino (1481-82)

Trata-se de mais um texto descoberto recentemente, mas não comparável em importância às outras duas hagiografias de que falaremos mais adiante. Impresso em Brescia pelo tipógrafo Bartolomeo da Vercelli, é datável entre 1481 e 1482, devendo, por isso, representar o mais antigo texto em língua vulgar publicado na cidade lombarda; precedido por uma *Confessione utile e breve ai suoi devoti bresciani per insegnare disporsi a confessarsi* e, posteriormente, por uma *Orazione alla comunità di Brescia*, exibe, como título completo, *Vita del glorioso confessoris san Rocho di Monpolieri di Francia advocato contro la peste*.

O autor apresenta-se como Paolo Fiorentino Aldigheri. No que se refere ao cognome, não se pode avançar qualquer hipótese, apesar de – tal como nos é oportunamente elucidado por Elena Cristina Bolla – Aldigheri ser a forma lombardo-vêneta de Altichieri ou Alighieri, o cognome de Dante. O pseudónimo Paolo Fiorentino é, por outro lado, atribuído a um conhecido pregador da ordem dos Servitas, Paolo Attivanti (m. 1499), recordado por diversas fontes e autor de textos variados.

• O *Compendium Vitae Sancti Rochi* (1493)

Este *Compendium* é um brevíssimo texto latino, que faz parte de uma obra em vários volumes, dedicada a sucintas *Vitae* de santos. O autor da obra original, o *Catalogus Sanctorum*, era um bispo de Aquileia, de nome Pietro Natali, que viveu na segunda metade do século XIV. O *Compendium* sobre São Roque não foi escrito por ele, mas pelo compilador dos suplementos, que foram acrescentados ao texto-base na edição publicada em Vicenza, em 1493.

OS TEXTOS DISPONÍVEIS FORAM COMPOSTOS ENTRE O FINAL DO SÉCULO XV E INÍCIO DO SÉCULO XVI, ISTO É, PELO MENOS UM SÉCULO DEPOIS DA MORTE DE SÃO ROQUE (1376/79)"

• A *Vita Sancti Rochi* de Ercole Albiflorio (1494)

Escrita em língua latina por Hercules Albiflorius Peamphilus, foi publicada em Udine em 1494. Contudo, o autor afirma na introdução ter terminado o livro em Spilimbergo, a 1 de novembro de 1492. Na substância, trata-se simplesmente de um compêndio, mais reduzido e fluido, da *Vita* de Diedo, sem integrações nem alterações de relevo – a não ser uma série de datações que, na realidade, resultam ser pouco plausíveis.

• O *Livro Fantasma* de Pietro Ludovico Maldura (1495)

Os autores que se lhe referem recordam-no com o clássico título latino de *Vita Sancti Rochi* e afirmam que teria sido publicado em Mainz, na data de 1494-1495. Na realidade, não se trata de uma obra original. De facto, este não é mais do que uma das edições da *Vita* de Diedo. O erro surgiu pelo facto de algumas versões do texto diedano conterem uma carta do próprio Maldura, que se

congratulava com ele por “ter tirado do olvido e posto em plena luz os admiráveis atos de um homem tão grande, e por ter publicado esta obra de estilo superior em louvor de São Roque”. Pois bem, o editor de Mainz caiu num clamoroso equívoco e indicou Maldura como sendo o autor do livro na sua totalidade!

O engano continuou ao longo dos séculos (e mesmo nos anos mais recentes), sendo ainda necessário esclarecer que não existe absolutamente qualquer *Vita Sancti Rochi* de Maldura. Quem a cita comete na realidade um erro de atribuição em detrimento de Diedo...

• A *Vita Sancti Rochi* de Jean de Pins (1516)

O autor deste enésimo texto latino publicado em Veneza, é Joannes Pinus, ou seja, Jean de Pins, bispo de Rieux, embaixador na cidade lagunar por conta do rei de França, Francisco I. A fim de evitar equívocos, repete-se, mais uma vez, que este prelado não deve ser confundido com o já citado bolandista Jean Pinius. A obra não é fácil de encontrar, razão pela qual os estudiosos utilizam uma reprodução impressa em Roma em 1885, pelo editor Eliseus Lazaire⁶.

• A *Misteriosa Vita di San Rocho* de Bartolomeo Bagarotti (1525)

Em teoria, deveria tratar-se de um livro escrito em italiano e publicado em Piacenza. Assinalado no século XVII por Pier Maria Campi, é também recordado pelo bolandista Jean Pinius nos *Acta Sanctorum* de 1737. De acordo com o Campi, representaria o texto fundamental para confirmar os episódios da vida de São Roque ocorridos em Piacenza, mas nunca foi encontrado. As referências bibliográficas citam-no como sendo um livro editado em 1525.

• A *Vita di San Rocco* de Lelio Gavardo (1576)

Trata-se, substancialmente, de uma tradução para italiano da obra de Jean de Pins, redigida por Lelio Gavardo e publicada em Veneza. O seu interesse reside num mapa da zona de Piacenza, agregada ao livro com o intuito de oferecer uma representação gráfica dos lugares ligados aos últimos anos da vida do santo.



• As “novas” hagiografias

Novas, obviamente não no sentido cronológico, mas por terem sido descobertas recentemente, em virtude de estudos específicos. Por agora, devemos manter uma certa cautela, visto que, apesar de estarem a atualizar profundamente o nível de conhecimentos das pesquisas textuais sobre as fontes antigas, necessitam ainda de ser posteriormente submetidas a rigorosos estudos específicos. Contudo, é sobre estas que os historiadores apostam para elaborarem teses que parecem preanunciar mudanças radicais.

• A *Istoria di San Rocco* de Domenico da Vicenza (1478-1480)

Trata-se de uma composição em verso e em língua italiana, que, como primeira hipótese, podemos considerar ter tido por texto-base a versão italiana de Diedo. Se assim for, a sua redação seria de adscrever a um período de tempo – assaz limitado – subsequente a 1 de junho de 1479, data de composição da obra do autor veneziano. No entanto, não é de excluir que a *Istoria* possa, pelo contrário, ser anterior, uma tese que hoje parece ser mais provável. O texto faz parte de um incunábulo, impresso presumivelmente em Milão, e de um manuscrito conservado em Pádua⁷.

• A *Vita Sancti Rochi* de Bartolomeo dal Bovo (1487)

Neste caso estamos perante um exemplar único, conservado em Verona⁸, escrito à mão por um homem de 84 anos, num dos denominados “livros de família”, fascículos que, de acordo com os usos da época, continham textos com os mais variados e diversos conteúdos. As folhas em branco eram normalmente utilizadas para anotações de natureza pessoal. No caso em apreço, Bartolomeo copiou também uma hagiografia latina de São Roque, indicando, no final, a data de transcrição, a saber, 22 de maio de 1487. Do texto original, bem como do seu autor, nada se sabe, não se conseguindo, nomeadamente, remontar à data de composição da mesma. As consonâncias com as principais *Vitae* roquianas são bastante marcadas, mas o texto apresenta ainda algumas variantes e algumas diferenças de realce, tal como foi bem evidenciado pela análise rigorosa de Francesca Lomastro⁹.

AS CONEXÕES E DERIVAÇÕES ENTRE AS FONTES ANTIGAS: DA “TESE TRADICIONAL” ÀS NOVIDADES DE PIERRE BOLLE

Podemos, assim, entrar de modo mais específico no delicado, mas fundamental, problema das “conexões e derivações” entre as obras que acabá-

**OS ACTA BREVIORA
CONSTITUEM, POIS, UM EXTRATO
DESTA 'ENCICLOPÉDIA' DE
SANTOS; O NOME FOI CRIADO
PELOS ESTUDIOSOS, MAS, NAS
COLEÇÕES ORIGINAIS, A PARTE
DEDICADA AO NOSSO SANTO
INTITULA-SE DE SANCTO ROCHO
CONFESSORE"**

mos de descrever. Até 1900, a convicção comum, transmitida ao longo dos séculos – à parte algumas exceções –, era a de que na origem de tudo estava a *Vita Sancti Rochi* de Francesco Diedo, e que, da mesma tinham derivado, de modo mais ou menos direto, todas as outras. Mas, na sequência dos estudos de Antonio Maurino e de Augustin Fliche – que, para além do mais, inovaram a cronologia da vida de São Roque, deslocando-a para a segunda metade do século XIV – surgiram no centro das atenções os *Acta breviora*, por uma série de motivos sobre os quais não nos podemos debruçar neste artigo.

De qualquer modo, somando e juntando as conclusões destes dois autores, podemos apresentar um esquema sintético da denominada “tese tradicional”, com base na excelente reconstrução de Pierre Bolle¹⁰. Tal como se pode notar, na origem de todas as antigas fontes roquianas estaria uma *Vita* escrita em italiano, posteriormente perdida; sendo precisamente os *Acta breviora* a obra mais antiga de entre aquelas conservadas, pelo facto de a sua datação se poder situar por volta de 1430.

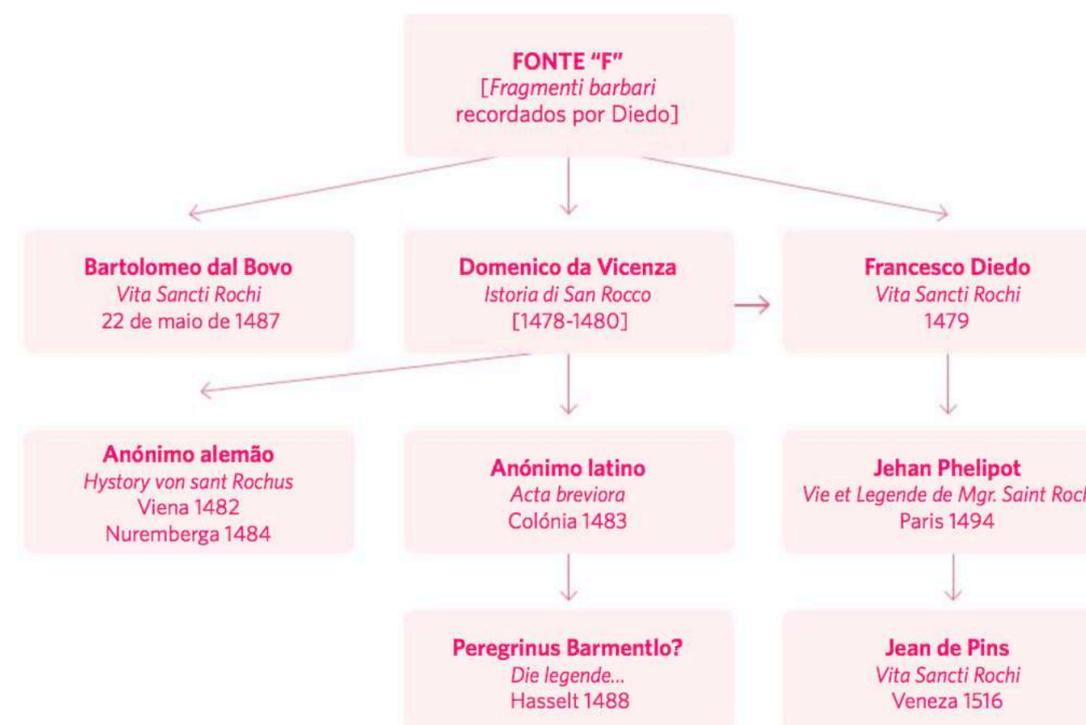
Por muitos anos, a “tese tradicional” pareceu a única verdadeiramente plausível, tendo sido considerada praticamente definitiva até à extraordinária obra de revisão do belga Pierre Bolle, que revolucionou, de facto, os estudos sobre a matéria. Já na primeira fase dos seus estudos, Bolle tinha redimensionado a presumível anterioridade

dos *Acta breviora*, restituindo à *Vita Sancti Rochi* de Francesco Diedo a dignidade de texto-base original para as hagiografias subsequentes (o que não representava, de qualquer modo, um simples retorno à teoria preexistente).

Mas foi a descoberta das “novas” hagiografias de Domenico da Vicenza e de Bartolomeo dal Bovo que o induziu a rever ulteriormente as suas primeiras conclusões, das quais o Centro de Estudos Roquianos tem dado conta, ao longo dos anos, com uma série de importantes artigos e ensaios¹¹. Os esquemas que o mesmo tem vindo a elaborar são pelo menos três, e seria deveras interessante segui-los passo a passo. Por razões óbvias, temos de nos limitar ao último, o qual, de resto, é o mais completo até à data, estando, aliás, inserido num ensaio de grande importância – a recapitulação, de facto, dos resultados de décadas de estudos do mais influente estudioso mundial da figura de São Roque¹².

Numa síntese extrema, de acordo com Pierre Bolle, o texto “copiado” por Bartolomeo dal Bovo para a sua transcrição seria o mais antigo, seguido pelo de Domenico da Vicenza e, finalmente, por aquele de Diedo. De facto, é o próprio Diedo, no prólogo da edição italiana, a referir ter utilizado, para “compor a sua *Vita de Sancto Rocco*, duas fontes: alguns fragmentos ‘bárbaros’, isto é, em língua estrangeira, e versos ‘vulgares’, isto é, em língua vulgar, ou seja, para ele, em italiano”. Os últimos corresponderiam portanto ao “poema hagiográfico de Domenico da Vicenza, uma obra que apresenta incontestáveis ligações de afinidade textual com o manuscrito de Bartolomeo dal Bovo, sinal da sua derivação de um ascendente comum”¹³: a designada fonte comum “F”, assim denominada por Bolle, quando se refere aos *Fragmenti barbari* de que fala Diedo.

Esta é, portanto, a situação atual dos estudos mais recentes sobre as antigas fontes roquianas escritas, que representa, por isso, também o ponto de partida para futuros desenvolvimentos das pesquisas. O objetivo é sempre o mesmo: dissipar a obscuridade que ainda envolve a reconstrução de uma biografia aceitável do nosso santo,



para melhor conhecer e compreender uma das mais extraordinárias figuras de santidade da história da Igreja: Roque de Montpellier, peregrino e taumaturgo... homem da Idade Média, homem moderno. 🍷

NOTAS

1. André VAUCHEZ, *Rocco*, in *Storia dei santi e della santità cristiana*, Milão, 1991, volume VII, p. 225.
2. Hippolyte DELEHAYE, *Les légendes hagiographiques*, Bruxelas, 1905, p. 2 e pp. 64-65 (ed. 1955).
3. Jean SEGONDY, *Saint Roch de Montpellier*, in “Monspeliensis Hippocrates” (1964), Montpellier, n.º 23, p. 3.
4. Daqui em diante será sempre chamado de *Pinius*, de modo a evitar confusões com o bispo Jean de Pins, autor de uma hagiografia quinhentista sobre São Roque.
5. Biblioteca da Abadia de St. Gallen, códice 613, coleção manuscrita de vidas de santos, folhas 335-371.
6. *Ad illustrissimum Dominum D. Antonium Pratum... divi Rochi narbonensis vita per Ioannem Pinum tolosanum edita*, assinalada como *Vita sancti Rochi. Auctore Pino, episcopo Rivorum* (Venetiis, 1516).
7. Biblioteca Ambrosiana de Milão, incunábulo 703; Biblioteca

8. Biblioteca Civica de Verona, manuscrito 827, folhas 73-77.
9. Cf. Francesca LOMASTRO, *Di una ‘Vita’ manoscritta e della prima diffusione del culto di san Rocco a Vicenza*, in *San Rocco. Genesi e prima espansione di un culto*, Atas do Convénio de estudos de Pádua de 12-13 de fevereiro de 2004, por André Vauchez e Antonio Rigon. In *Subsidia hagiographica* (2006), Bruxelas, n.º 87, pp. 99-103. O texto integral da *Vita Sancti Rochi* de Bartolomeo dal Bovo está transcrito nas pp. 108-116.
10. Pierre BOLLE, *San Rocco di Montpellier. Dai racconti agiografici alle origini leggendarie*. In *Vita Sancti Rochi* (2006), n.º 1, p. 75 (tradução de Paolo Ascagni). Para o texto original em língua belga, cf. www.sanroccodimontpellier.it, secção Studi.
11. Cf. www.sanroccodimontpellier.it nas secções *Testi* e *Studi*, as revistas *Vita Sancti Rochi* (2006-2008) e “*Annali del Centro Studi Rocchiano*” (2012).
12. Cf. Pierre BOLLE, *Rocco di Montpellier. Una lunga ricerca tra archivi, leggende e nuove scoperte*. In “*Annali del Centro Studi Rocchiano*” (2012), n.º 1, editado pela Associazione Italiana San Rocco di Montpellier (tradução de Paolo Ascagni); versão informática in www.sanroccodimontpellier.it, secção Testi.
13. Pierre BOLLE, *Rocco di Montpellier...*, op. cit., pp. 84 e 85.

Nº33
2015

REVISTA SEMESTRAL
PORTUGAL: 3,60€

CIDADE SOLIDÁRIA

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA



**COOPERAÇÃO
e DESENVOLVIMENTO:
Estratégias
colaborativas**

GOVERNAÇÃO INTEGRADA | DEFICIÊNCIA | PATRIMÓNIO | ADOÇÃO